

Turismo & Lazer

Madri, uma ótima opção de férias e diversão

É uma das cidades mais populares da Espanha; a diversão começa sempre no horário em que o sol se põe, ou seja, às dez horas da noite

GB Edições

Que tal visitar Madri? Terra de gente bonita e muita animação. É o lugar perfeito para se fugir da rotina, lugar perfeito para mudar os hábitos e se liberar para a vida, mesmo que seja por alguns dias apenas.

O sonho de muitos é conhecer a Europa, o Velho Mundo e suas culturas. Neste sentido, a Espanha é um país cobijado, não somente por sua pluralidade, mas também por certas facilidades com a língua.

O dia em Madri começa diferente daqui. O comércio abre por volta das onze da manhã, mas o sol brilha até mais ou menos dez da noite e é aí que se janta e que a vida noturna começa. A cidade tem uma centena de bares que oferecem o tradicional “jerez”, o vermute e também cerveja, sim por lá se bebe cerveja talvez tanto quanto na Alemanha, por exemplo.

O índice de bares por quilômetro quadrado em Madri, especialmente em bairros boêmios como Malasaña e Horta-leza, é incomparável; em nenhuma outra capital da Europa, nem mesmo em Paris, a vida noturna é tão intensa. Não importa o dia da semana, nem a época do ano, o negócio



O Centro Histórico de Madri merece destaque. Ao chegar na cidade, este deveria ser o primeiro lugar a ser visitado

é mesmo badalar. Beber, comer, rir e dançar, muito.

Madri é uma cidade moderna e arrojada, mas que não perdeu a sua história e nem as suas tradições. Além da capital e sede da Casa Real, das instituições políticas e administrativas da Espanha, Madri é um centro de grande importância financeira, comercial e cultural, abrigando universidades públicas, teatros e museus.

Um dos locais mais badalados é a belíssima Plaza Mayor e bem pertinho dali estão as tavernas do Casco Viejo que abrigam grupos de estudantes que na noite tocam seus violões e en-

toam velhos clássicos do cancionero espanhol e ganham alguns trocados dos visitantes. O Paseo de La Castellana ainda é considerada a mais longa avenida da Espanha e exibe seus maravilhosos jardins. Imperdível ainda é o Museu do Prado que guarda um dos maiores acervos artísticos do mundo. E tem também na mesma avenida o Museu Thyssen-Bornemisza com obras que merecem ser vistas.

Infelizmente a tradição das touradas continua na Plaza de Toros de Las Ventas e acontecem na época do inverno apesar dos crescentes protestos.

Outro costume em Madri é os bares oferecerem aperitivos cada vez que se pede uma “caña” (cerveja), são chamados de “tapas” e compostos de frutos do mar, empadas, chouriço e deliciosas berinjela temperada de um jeito que só em Madri tem.

A comida espanhola merece um capítulo a parte. O leitão assado é muito popular e os espanhóis gostam de falar sobre seus cardápios.

Para quem não dispensa comida caseira, vale garimpar pela cidade e acabará encontrando pequenos restaurantes, daqueles cheios de gente da terra e que ser-

vem comidas tradicionais do dia a dia. Geralmente o preço é muito bom, o vinho está incluído e o sabor é maravilhoso. E fica aqui uma dica: nunca se contente com aquilo que é indicado pelos guias de turismo, procure sempre ir além. Se exercitar a sua curiosidade vai descobrir coisas maravilhosas sobre o lugar que está visitando. Não querendo desmerecer estes profissionais, ao contrário, mas é sempre interessante descobrir as coisas por você mesmo.

Madri tem uma história fascinante retratada na sua arquitetura. A família real mora no Palácio Oriente, a residên-

cia oficial, e é comum ver os membros da realeza circulando pela cidade.

A estátua de Cibeles, localizada no cruzamento da Calle Alcalá e o Paseo de La Castellana é considerada um dos símbolos de Madri, tida como uma das capitais mais ecológicas do mundo por causa de suas imensas áreas verdes.

Há parques notáveis na capital da Espanha. Com seus 130 alqueires esparramados pela área central da cidade, o Parque Real Bom Retiro é uma espécie de Central Park de Madri e é o endereço preferido nos finais de semana. O Palácio de Cristal del Retiro é destaque, o local que atualmente abriga exposições de arte foi construído em 1887 e originalmente era uma estufa de plantas da flora argentina

Tem ainda o Parque Del Oeste com seu teleférico que conduz até o Zoológico Municipal.

Trata-se de uma metrópole que cresceu muito e o trânsito é complicado como nas grandes cidades, no entanto o metrô funciona bem.

Quem gosta de garimpar coisas, um tradicional mercado das pulgas funciona aos domingos e é todo na base da pechincha, ali o visi-

tante também pode se deliciar diante dos espetáculos teatrais e de dança flamenca e ainda degustar algumas iguarias locais, como o churro coberto de chocolate.

Claro, estando em Madri, nada como aproveitar para conhecer a região. Estique a viagem até Toledo, Segóvia, Ávila e Aranjuez.

E os souvenirs? Na sua bagagem de volta não poderá faltar a tradicional bonequinha vestida na melhor tradição flamenca, castanholas, os maravilhosos leques, xales coloridos e sapatos.

Outras informações, o fuso horário é cinco horas a mais ao horário de Brasília e a moeda é o Euro; estando em Madri comece seu passeio pelo Centro Histórico.

Viajar é umas melhores coisas que o ser humano pode fazer em sua vida. Por isso, vale a pena escolher um destino, planejar os custos, fazer uma poupança especialmente para este fim. Especialmente para fazer algo maravilhoso por si mesmo. Em tempos de crise financeira também é preciso não deixar o sonho de lado, talvez apenas demore um pouquinho mais para ser concretizado. Siga em frente e tenha uma boa viagem!



Safári no Zimbábue

O Zimbábue foi um destino sonhado na minha wish list viajante por muitos anos a fio. Como eu vou bem mais para o sul ou o norte do continente, ficou ali guardadinho, esperando uma chance. Também não queria ir pela primeira vez 100% sozinha para lá sem saber muito o que me esperava.

Um pouquinho de contexto: por uns vinte anos após sua independência nos anos 80, o Zimbábue chegou a ser o país mais próspero da África e começou de fato a atrair turistas internacionais para lá. Mas os últimos anos foram marcados por conflitos sociais, corrupção governamental, problemas econômicos, e boa parte dos turistas passou a buscar outros destinos.

Mas hoje, apesar das evidentes dificuldades econômicas que ainda assolam o país, dada a sua exuberante natureza que ainda parece tão intocada em alguns lugares, a indústria hoteleira voltou a investir pesado no país e, consequentemente, os turistas estão voltando rapidamente – principalmente no mercado de luxo. Até o aeroporto de Victoria Falls, a principal porta de entrada de turistas internacionais ao país, passou recentemente por um extreme makeover de mais de 150 milhões de dólares de investimentos (dados oficiais dizem que o volume de passageiros por lá cresceu 25% só nos primeiros oito meses do ano passado). E, mesmo com o constante sobe e desce da economia, as reservas de safári continuam operando todo santo dia, e cada vez mais disputadas (como têm pouca disponibilidade de quartos, costumam lotar muito rapidamente em boa parte do ano).

As fronteiras norte e sul do país são marcadas por dois dos maiores rios africanos: o Zambezi e o

Limpopo. É no Zambezi que ficam as exuberantes Victoria Falls, simplesmente imperdíveis em qualquer viagem para lá. E a curta distância das quedas d'água fica o Zambezi National Park. Na fronteira com a Botsuana, o Hwange National Park é tido como um dos mais fabulosos destinos africanos para avistamento de elefantes e búfalos. A estação mais pesada de chuvas vai de Novembro a março e a estação mais seca, de Agosto a Outubro. O avistamento de espécies é considerado bom o ano inteiro, embora varie muito de espécie para espécie. Para ver as Victoria Falls em todo seu esplendor, a melhor pedida é ir nos meses de junho e julho, quando estão bem cheias.

A minha primeira visita ao país aconteceu no finalzinho de novembro passado, logo após a semana que eu passei entre campos de safári na Botsuana. Fiquei hospedada no novíssimo Mpala Jena, que abriu suas portas oficialmente no dia 30 de novembro de 2018.

O Mpala Jena é o primeiro camp de luxo da Great Plains Conservation no Zimbábue. Localizado às margens do incrível Rio Zambezi (falo mais sobre a Great Plains aqui). Fca em uma concessão privada dentro do Zambezi National Park, a 40 minutos das Victoria Falls. Exclusivíssimo, tem capacidade máxima para apenas oito hóspedes – são apenas quatro quartos-tenda duplos, todos com direito a piscina privativa. Operando em sistema tudo incluído, tem transfers, safaris, passeios, refeições, bebidas, lavanderia e até minibir incluídos no valor das diárias – com direito a um chef talentosíssimo, que seguramente vai dar ao hotel o selo Relais&Chateaux muito em breve. As atividades incluídas também englobam caminhadas gui-

adas, passeios de barco e até tour de meio período às Victoria Falls. O camp já é considerado o mais ambientalmente inovador e sustentável do parque: utiliza apenas madeira reciclada e lona para suas tendas e é auto-suficiente energeticamente, utilizando unicamente energia solar.

Os safaris dentro do Zambezi National Park são mais big 4 que big 5 (e felinos em geral são menos facilmente avistados por lá), mas oferecem avistamentos de altíssima qualidade, com contato muito próximo com os animais. A abundância de elefantes, búfalos e hipopótamos é impressionante (e dizem que a concentração deles é ainda maior de junho a outubro), e o raro impala albino é frequentemente avistado por lá também. Da minha própria tenda do Mpala Jena, eu via montes de elefantes e hipopótamos todos os dias. A região do Zambezi National Park é também excelente para bird watching o ano todo, com mais variedade de espécies de novembro a abril.

PUMBAS POR TODA PARTE ??

Seja qual for o camp ou lodge que você escolher no Zimbábue, um passeio às Victoria Falls é mesmo imperdível. Localizadas bem na fronteira com a Zâmbia, a vista do Zimbábue é mesmo arrebatadora. As cataratas são parte de um complexo tombado como patrimônio da Unesco com quase 7 mil hectares que une os parques nacionais Mosi-oa-Tunya (na Zâmbia) e Victoria Falls e Zambezi (no Zimbábue). Por isso mesmo, áreas a curta distância das cataratas em si são cheias de animais selvagens como elefantes, hipopótamos, búfalos, zebras, girafas e outros.

As cataratas foram batizadas assim pelo explorador britânico David Livingstone, o primeiro europeu a chegar até elas no século XIX. Livingstone tem, é claro, uma bela estátua bem em frente às cataratas no parque do lado do Zimbábue. A entrada do parque (US\$30) fica bem pertinho da ponte Victoria Falls, que em um mero quilômetro une Zimbábue e Zâmbia.

Do lado do Zimbábue, o parque cheio de vegetação (é parte de uma floresta tropical) e muito bem sinalizado, com trilhas muito fáceis, concretadas e bem marcadas para seguir, tem 16 pontos de observação diferentes para vermos as cataratas de pertinho. A maior queda d'água do mundo, com 1,7km de extensão, tem quedas entre 60 e 128 metros que realmente impressionam – mesmo no período da seca, como quando visi-

tei. A visita ao parque é muito bem pensada e não precisa de guia, podendo ser feita entre 1h30 e 2h, dependendo do ritmo (e da quantidade de fotos rs) de cada pessoa.

Uma bela pedida é, após a visita às cataratas, tomar um dos sobrevoos de helicóptero vendidos ali pertinho. Os sobrevoos, a partir de 15 minutos de duração, custam desde US\$130 e nos dão a real dimensão da enormidade das cataratas e dos parques nacionais em si. Mesmo voando no período de seca, como no meu caso, o visual dali de cima é incrível – principalmente por deixar evidentes tantos cânions e sulcos profundos nas rochas por toda parte.

Vale saber que, apesar do lado do Zimbábue ser considerado o lado com a vista mais bonita, é do lado da Zâmbia que ficam as famosas “piscinas” à beira das quedas, que vira e mexe pipocam no Instagram. Do lado de lá, há também oferta de rafting em algumas épocas do ano. Contratar um tour para o lado da Zâmbia costuma ser bastante simples e pode ser reservado diretamente no seu hotel, camp ou lodge. Mas lembrete: quem visitar o lado da Zâmbia mas tiver hospedado no Zimbábue precisa pedir o visto de dupla entrada ao chegar no aeroporto no país (o Zimbábue pede visto na chegada dos brasileiros, ao custo de US\$30 por pessoa; vistos com dupla entrada custam US\$45).

Do Zimbábue, gostei muito do povo que conheci também. Falantes e interessados, não precisam de muito para bater papos prolongados com turistas – e são cheios de perguntas sobre o Brasil.

A minha visita foi rápida, de apenas algumas noites, num roteiro realmente bem factível para quem viaja à Botsuana – a viagem ao aeroporto de Victoria Falls é curtinha e super simples. Na volta, tomei um voo de lá diretamente a Joanesburgo com a South African Airways, para voltar ao Brasil (pelo horário dos voos, não é possível fazer conexão imediata na volta; é preciso pernoite em Joburg para voar cedinho no outro dia de volta a São Paulo).



MARI CAMPOS, é jornalista especializada em turismo e lifestyle

www.MariCampos.com
twitter/instagram:
@maricampos